

Este trabalho busca a opinião das mulheres, que representam um segmento da sociedade que compreendem 70% dos usuários da rede pública de saúde do país. O público alvo foi definido como sendo constituído de mulheres usuárias de meio de transporte coletivo, entrevistadas nas filas de determinados pontos de ônibus da cidade de Pelotas, num total de 100 entrevistas. A questão inicial seria de que a construção social de gênero e as condições sócio-econômicas interferem nas opiniões e ações específicas de prevenção de patologias ligadas diretamente à saúde reprodutiva das mulheres. Trata-se de uma pesquisa de opinião, cujo instrumento é um questionário semi-estruturado, através do qual se deseja fazer uma análise qualitativa de representação social, cruzando-se dados sociológicos e condições específicas da saúde reprodutiva das mulheres. Entre as entrevistadas 36,3% tem trabalho remunerado contra 63,7% que não considera suas atividades como sendo trabalho, já que a maioria alega não receber como tal; 63,5% foram ao ginecologista no último ano, 9% relatam nunca ter ido em virtude de "nunca ficarem doentes"; 42% faz uso de anticoncepcional, sendo o ACO o método de preferência; 69,6% consideram a atuação política algo fora de sua realidade, 12% diz ter atuação política principalmente pela participação em associações de bairro e sindicatos. Traçando-se um perfil das mulheres usuárias de transporte coletivo na cidade de Pelotas verificar-se-ia que são mulheres casadas, com filhos, 76% da raça branca, com grau de escolaridade variável e que não consideram sua atividade como sendo trabalho. Os resultados poderão ser empregados na avaliação de vários setores de atenção à saúde da mulher, possibilitando o reestudo dos mecanismos que envolvem a questão feminina, relacionadas à política, ao trabalho ou à saúde reprodutiva.